



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Kelly Andréa Oliveira da Silva

Autonomização de jovens em acolhimento residencial: Discursos e significados

Kelly Andréa Oliveira da Silva **Autonomização de jovens em acolhimento residencial: Discursos e significados**

UMinho | 2017

junho de 2017



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Kelly Andréa Oliveira da Silva

**Autonomização de jovens em acolhimento
residencial: Discursos e significados**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Ana Daniela dos Santos Cruzinha Soares da Silva

junho de 2017

DECLARAÇÃO

Nome: Kelly Andréa Oliveira da Silva

Endereço eletrónico: a68793@alunos.uminho.pt

Número do Cartão de Cidadão: 13813202

Título da dissertação: Autonomização de jovens em acolhimento residencial: Discursos e significados

Orientadora: Doutora Ana Daniela dos Santos Cruzinha Soares da Silva

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Psicologia

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 7 / 06 / 2017

Assinatura:

Kelly Andréa Oliveira da Silva

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract	v
Introdução.....	6
Método	9
Participantes	9
Instrumentos	9
Procedimentos.....	11
Análise	11
Resultados	13
Discussão e conclusão.....	20
Referências bibliográficas	25

Agradecimentos

Este projeto representa muito para mim pois, se por um lado marca um momento de viragem na minha vida, por outro representa também a nostalgia do fechar de um ciclo tão trabalhoso mas feliz. No entanto, este projeto só se tornou possível graças ao apoio de um conjunto de pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram e tiveram um papel importante na sua realização.

Gostaria de agradecer primeiramente à Doutora Ana Daniela Silva pela sua receptividade e disponibilidade ao longo dos últimos dois anos que me orientou. À Professora Doutora Maria do Céu Taveira e restante equipa LAC (*Learning Achievement and Career*), em que a intervenção e apoio entre todos foi sempre uma mais-valia na melhoria contínua do meu trabalho e crescimento.

Um muito obrigado às duas casas de acolhimento que me receberam, pela disponibilidade, e aos sete jovens com quem tive o privilégio de conversar e que, estando sempre abertos às minhas questões e colaborando na pesquisa, me deram a oportunidade de desenvolver o meu trabalho.

Quero agradecer à Cláudia, Sofia e Gabi por terem sido mais do que colegas de curso, foram as minhas amigas, a minha família, a minha casa.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus pais por todas as oportunidades que me deram, por me terem deixado caminhar sozinha e pela confiança que sempre tiveram em mim e nos meus valores. E às minhas duas irmãs que, mesmo longe, estão sempre no meu pensamento.

Quero agradecer à Luna, por ser a melhor cadela do mundo, pela companhia que me fez não só nesta, mas em todas as jornadas da minha vida.

Ao Pati, por toda a paciência que teve comigo neste último ano, por ser sempre o meu ombro amigo, e pelas palavras de sossego e compreensão.

E por fim, a todos os que passaram no meu percurso e que levo também no meu coração.

*“Somos mais bem-sucedidos ao conectar ideias
do que ao protegê-las!”*
Steven Johnson

Autonomização de jovens em acolhimento residencial: Discursos e significados

Resumo

O número de jovens em situação de acolhimento residencial em Portugal justifica a necessidade de atender a como se processa o seu desenvolvimento de carreira, em especial na fase de autonomização. Este estudo pretende analisar a percepção dos jovens acerca dos seus percursos de carreira e vivência do processo de autonomização. Participaram no estudo sete jovens em acolhimento residencial na fase de autonomização, seis raparigas (85,71%) e um rapaz (14,9%) com idades entre os 17 e 19 anos ($M_{idade} = 17.71$, $DP = 0.76$), a quem foi administrado um questionário sociodemográfico e um guião de entrevista analisando três dimensões: percepção dos percursos e decisões escolares, percepção da experiência de acolhimento e percepção do processo de autonomização. Os resultados da análise de conteúdo de Bardin revelaram como principais categorias do discurso as alternativas de escolha de carreira, autonomia nas decisões escolares, motivos de escolha do curso atual, papel dos estudos, pessoas significativas nos percursos, valores de vida, sentimentos, pensamentos, aprendizagens e memórias da experiência em acolhimento, sentimentos e pensamentos na saída do acolhimento, planeamento da saída do acolhimento, dificuldades e recursos percebidos. Estes resultados são interpretados e discutidos retirando-se implicações a nível da intervenção da carreira.

Palavras-chave: jovens em acolhimento residencial; percursos de carreira; decisões escolares; experiência de acolhimento; processo de autonomização.

Autonomisation of youngsters in residential foster care: Speeches and meanings

Abstract

The number of youngsters in residential foster care situation in Portugal, justify the need to understand how their career development process, specially in the autonomisation fase. Therefore this study consists in analyzing the perception of these youngsters about their career paths and experience of this process. Seven youngsters in residential foster care in process of autonomisation take part in this study, six girls (85,71%) and one boy (14,9%) with ages between 17 and 19 ($M_{age}=17.71$, $DP=0.76$), to whom have been presented a sociodemographic survey and the interview guide analyzing three dimensions: perception of academic decisions and career, foster care experience and autonomisation process. The results of Bardin's content analysis revealed, as main categories of the speech, the alternative career choices, autonomy in academic decisions, reasons of current academic course choice, role of the studies, significant people in their paths, life values, feelings, thoughts, learnings and foster care experience memories, feelings and thoughts on the departure of foster care, difficulties and perceived resources. These outputs are interpreted and discussed and then, conclusions are drawn on the implications on career intervention.

Keywords: youngsters in residential care; career paths, academic decisions, foster care experience; autonomisation process.

Introdução

Em Portugal, o acolhimento residencial consiste, segundo a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, na

colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, devidamente dimensionados e habilitados, que lhes garantam os cuidados adequados. O acolhimento residencial tem como finalidade contribuir para a criação de condições que garantam a adequada satisfação de necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o efetivo exercício dos seus direitos, favorecendo a sua integração em contexto sociofamiliar seguro e promovendo a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral (Decreto Lei nº 142/2015 de 8 de setembro da Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, 2015, p.7204).

A problemática da institucionalização na adolescência constitui um tema de grande importância social pois, apesar de se considerar a institucionalização como a última medida a aplicar em termos de proteção de jovens em risco, esta é a medida que apresenta maior expressão em Portugal (Andrade et al., 2014) tornando o número de jovens em processo de institucionalização cada vez maior, e esta evidência torna-se clara sobretudo quando comparamos o último relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens [CASA] de 2015 com os relatórios dos anos anteriores. Nessa comparação, podemos reparar na tendência para o aumento de adolescentes em situação de acolhimento ao longo dos anos em que, tal como no relatório do ano anterior (2014), em 2015 as faixas etárias que sofreram um maior aumento foram dos 15 aos 17 anos e dos 18 aos 20 anos com respetivamente mais 77 e 100 jovens.

O mesmo relatório adianta que a autonomização é o projeto de vida relatado como mais importante por estes jovens. Ou seja, quando estes não têm a possibilidade de regressar ao seu meio familiar, ou não são adotados, e têm que ficar na instituição por um período de tempo mais prolongado, devem aprender competências pessoais e sociais para a preparação da sua autonomia futura (ISS, 2015).

Assim sendo, a importância do estudo dos significados de carreira em fase de autonomização é ainda maior para esta população, no sentido de estes jovens, quando saem das instituições, não voltarem para os meios disfuncionais de origem, o que aumenta a necessidade de terem de se tornar económica, mas também socialmente independentes (ISS, 2015). E, a literatura existente no que concerne o impacto do acolhimento residencial nos percursos de carreira dos jovens e no processo de preparação destes para a vida autónoma,

decai sobretudo para uma trajetória, no geral, menos positiva para esta população nestes dois domínios.

A literatura dá alusão à falta de preparação para a autonomização por parte do acolhimento residencial. Carneiro (2005) refere que os jovens, de um modo global, abandonam as casas de acolhimento quando atingem a maioridade e não possuem as competências necessárias para se enquadrarem na sociedade, em que tanto as suas competências a nível da autonomia como do desenvolvimento social são limitadas, o que se reflete a nível pessoal, profissional e familiar.

O estudo de Ribeiro (2008) interessou-se por essa falta de competências destes jovens em enfrentarem a vida sozinhos porque foram pouco preparados, e centrou-se no desenvolvimento de competências pessoais e sociais com vista à promoção da sua autonomia e na formação especializada dos técnicos que trabalham diretamente com esta população.

Mas, esta referência e interesse à falta de preparação por parte das instituições não é recente, uma vez que já nos anos 90, Munson (1994) refletia acerca de soluções para esta falta de preparação, defendendo que se deve mudar o foco de programas de treino de competências académicas para treinos que visem promover competências de vida e a funcionalidade dos indivíduos, de forma que os jovens possam escolher uma ocupação adequada, estabelecer um novo local para viver e desenvolver um repertório de competências de lazer, sendo estes alguns dos passos fundamentais que os jovens devem dar para obterem sucesso nesta fase.

As ideias de Munson continuam a fazer sentido nos dias de hoje, havendo cada vez mais uma preocupação em desenvolver competências e habilidades de resolução de conflitos, planeamento, implementação e manutenção num sistema social de apoio, para que os jovens se envolvam em funções típicas da vida adulta. Funções estas tais como a gestão financeira e doméstica, como por exemplo ajudar os jovens na procura de emprego, educação básica, experiência de trabalho e a melhorar as competências profissionais (Silva, Araújo & Taveira, 2011; Gonçalves, 2013).

Com efeito, o apoio dado a esta população deve ir para além da mera informação, sendo necessários apoios à formação quer na procura de casa e emprego, ligação com a família e apoio que os salvguarde transitoriamente num primeiro momento de desemprego ou deslocação (Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor, & Nesmith, 2001; Forsman & Vinnerljung, 2012).

Outros autores referem que os jovens que pertencem a grupos sociais mais desfavorecidos, sendo o caso desta população específica, tendem a organizar as suas decisões face à carreira numa perspetiva mais demarcada de si e das suas oportunidades ou seja, um

locus de controlo mais externo, o que poderá levar a um baixo envolvimento em tarefas académicas e a perceções de barreiras face à carreira (Lopes & Teixeira, 2010, citado por Soares, 2015)

Santos (2010), também antecipa nestes jovens trajetórias de carreira menos positivas, marcadas por constrangimentos motivacionais, onde predominam o desinteresse e o absentismo escolar, ou seja, segundo estes autores, poucos são os jovens em acolhimento residencial que prosseguem estudos, podendo dever-se a razões económicas, organizacionais ou familiares. As expectativas e ambições destes jovens centram-se sobretudo em ter uma casa, constituir família e conseguirem uma vida sustentável (Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor, & Nesmith, 2001; Forsman & Vinnerljung, 2012).

No entanto, é importante abordar uma perspetiva positiva, considerando o lado positivo do acolhimento residencial, de forma a balancear a informação e compreender de que forma o impacto deste acolhimento pode ser entendido como um fator de risco ou de proteção. Pois, apesar do acolhimento residencial ser considerado como um ambiente de risco, também possui uma organização e estrutura que favorecem o desenvolvimento humano, podendo ser a única fonte de apoio social organizada para lidar com as adversidades (Santos & Bastos, 2002; Siqueira & Dell`Aglia, 2006).

Garnezy, Masten e Telleen (1984) referem que o bom desempenho escolar e nível intelectual podem operar como fatores de proteção e diminuir os efeitos negativos do stress que a vivência em acolhimento residencial causa. Essa diminuição dos efeitos negativos do stress é denominada por eles como “stress resistance”,

A explicação desta diferença poderá estar sobretudo na resiliência do jovem, sendo este um importante fator de proteção. De acordo com a teoria da resiliência, Fergus e Zimmerman (2005) dizem-nos que, existem de facto indivíduos que conseguem superar grandes adversidades na vida mesmo estando expostos a situações de alto risco, conseguindo adaptar-se a situações de risco, continuando a funcionar bem e a conseguirem resultados muitas das vezes positivos e inesperados.

Com o objetivo de especificar os domínios particulares da resiliência, muitos têm sido os investigadores que começaram a usar o termo de “resiliência educacional” (Wang & Gordon, 1994), definindo-a como a “probabilidade principal de sucesso na escola e noutros compromissos da vida, apesar das adversidades ambientais, provocadas por traços iniciais, condições e experiências”.

Rodrigues (2016), através dos seus resultados, demonstrou também o lado positivo do acolhimento residencial, relatando que este foi considerado pelos jovens como uma

oportunidade de vida, respeitando os direitos, fornecendo um acolhimento personalizado, assente no desenvolvimento e bem-estar educacional e afetivo dos jovens.

Desta forma, é importante estudar o acolhimento residencial não como uma condição de fracasso na carreira ou má preparação para a vida autónoma, mas sim como um todo e tendo ciente o facto de existirem diversos fatores tanto do individuo como do ambiente que condicionam o seu percurso de carreira e processo de autonomização, advindo desse princípio a escolha da metodologia escolhida de análise do discurso dos próprios jovens. O estudo do ISS (2005) seguiu essa linha elaborando um conjunto de propostas para intervenção sobre jovens em acolhimento residencial com base no discurso dos mesmos. Neste trabalho, o ISS (2005) propõe como uma das medidas de intervenção prioritária, o processo de autonomização, apelando que este deve começar a ser preparado no momento da entrada da criança (direito de cada criança a ter um projeto de vida único), bem como num trabalho contínuo com a família. No entanto, apesar de salientada a importância de intervenção nos processos de autonomização, o estudo não esclarece quais os conteúdos do discurso dos jovens considerados como mais importantes a intervir no processo de autonomização.

Em continuação com esta linha de trabalho, este estudo pretende analisar a perceção dos jovens em acolhimento residencial acerca dos seus percursos de carreira e vivência do processo de autonomização. Através desta análise poderemos compreender o que os jovens consideram importante para uma adaptação à vida autónoma, podendo também servir de base teórica para uma melhoria na intervenção de carreira com esta população com necessidades específicas.

Método

Participantes

A população deste estudo respeitou jovens em situação de acolhimento residencial em fase de autonomização, ou seja acima dos 17 anos, de duas instituições do distrito de Braga. A amostra é constituída por seis raparigas (85,71%) e um rapaz (14,9) com idades entre os 17 e 19 anos (*Midade*= 17.71, *DP*= 0.76).

Dos jovens, um era de etnia negra e os restantes de etnia caucasiana. Quanto à nacionalidade, todos tinham nacionalidade portuguesa, sendo que dois jovens tinham dupla nacionalidade: Francesa e Portuguesa e Brasileira e Portuguesa. Relativamente ao tempo de acolhimento, os entrevistados estavam em acolhimento em média há 4,4 anos, sendo que o jovem que estava em acolhimento há mais tempo, estava há oito anos e com menos tempo há dez meses. Quanto ao nível de escolaridade destes jovens, um estava no 8º ano, outro no 9º

ano, outro no 10º ano, dois deles estavam no 11º ano, outro no 12º ano e outro estava no 1º ano de universidade.

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico que incluía questões relativas ao sexo, idade, nacionalidade, etnia, tempo em que vive em casa de acolhimento e escolaridade.

Para além deste instrumento, os participantes responderam também ao guião de uma entrevista semiestruturada sobre percursos de carreira dos jovens (Silva & Taveira, 2016). Trata-se de um guião composto por onze questões que analisam três dimensões: a perceção dos percursos e decisões escolares, a perceção da experiência de acolhimento e a perceção do processo de autonomização.

De forma a analisarmos a perceção dos jovens relativamente aos seus percursos e decisões escolares foram analisados temas como o rendimento escolar, o processo de tomada de decisão escolar e a exploração vocacional. Para tal foram feitas as seguintes questões: “Como caracteriza o seu percurso de carreira até ao momento?”, “Como foi tomando as suas decisões ao longo desse percurso?” e “Que decisões acha que foram as mais importantes?”. Quanto à perceção da experiência de acolhimento, foram analisados sentimentos associados à vivência em acolhimento, à situação em si e pessoas envolvidas, aos pensamentos e comportamentos associados e às aprendizagens feitas no contexto de acolhimento. Desta forma, questionou-se os jovens acerca de experiências que viveram em Acolhimento Residencial e o significado que estas tinham tido para eles, para tal foi questionado: “Durante a sua vivência em Acolhimento Residencial, certamente viveu muitas experiências. Recorde um acontecimento ou episódio que seja o mais significativo? Aquele acontecimento que acha que nunca vai esquecer? Pode descrever e explicar porque foi importante para si?”. E, por último, de forma a compreender como os jovens percecionam o processo de autonomização, foi focado todo o processo de preparação para a saída do acolhimento, os objetivos a nível pessoal e profissional, as barreiras antecipadas, os apoios percecionados pelos jovens para esta fase, tal como recursos materiais e suporte social e o nível de comprometimento com os objetivos estabelecidos. Para tal, foi questionado aos jovens: “Em que momento começou a preparar-se para sair do Lar? Como foi fazendo a sua preparação para a saída do Lar? Que pensamentos teve em relação a isto? Como se sentiu? Como reagiu ao longo desse processo?”, “Quem foram as pessoas que mais o ajudaram neste processo?”, “Que objetivos tem para o futuro? A nível profissional e pessoal?”, “Que dificuldades acha que pode

encontrar nos próximos anos? O que acha que vai ser mais difícil? Em que áreas de vida?”, “Como acha que as poderás ultrapassar?”, “O que está disposto a ceder, e a fazer para alcançar os seus objetivos?”, “Qual o lema de vida que pensa seguir ao longo da sua vida? Que valores lhe estão associados ou consideras mais importante seguir?” e “Que conselho daria a um jovem mais novo que esteja a viver em lar, tendo em vista a sua preparação para a vida adulta independente do lar?”.

Procedimentos

Na constituição do grupo de sujeitos para a investigação, procedeu-se a uma recolha de amostra de conveniência a jovens em acolhimento residencial com mais de 17 anos.

Para tal, contactou-se duas casas de acolhimento do distrito de Braga e após autorização por parte destas entidades e dos jovens participantes, procedeu-se com a recolha de dados.

Foi entregue a cada jovem participante no estudo um consentimento informado, sob forma escrita, sendo reforçada a voluntariedade e confidencialidade das respostas assim como, salientada a inexistência de respostas corretas ou erradas. Foi também pedida autorização para gravação áudio das entrevistas.

Em seguida, foi administrado o questionário sociodemográfico e, no que concerne a este, foi colocado um código, que permite a correspondência entre estes dados e os dados da entrevista. A entrevista foi gravada em áudio de forma a facilitar a interação característica de uma entrevista semiestruturada, e para não haver perda de dados.

Análises

A análise qualitativa dos discursos dos jovens recorreu a procedimentos da análise de conteúdo de Bardin (2013), sendo analisadas as 136 respostas dadas pelos jovens participantes.

De acordo com esta análise, foram elaboradas iniciativas de explicação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, no sentido de posteriormente realizar deduções lógicas e justificadas a respeito da origem das mensagens.

Primeiramente, é importante realçar que todos os elementos foram tidos em consideração, sem exclusões, sendo que nenhum sujeito ou documento transcrito foram retirados da análise. Assim, foram definidos como objetivos, analisar a perceção dos próprios jovens acerca dos seus percursos de carreira e vivência do processo de autonomização. Previamente à análise, não foram estabelecidas hipóteses de investigação, uma vez que

possuímos objetivos exploratórios, utilizando portanto procedimentos de exploração (Bardin, 2013, p.124). A finalidade desta análise consiste em, partindo da análise dos documentos transcritos, apreender os principais temas que sistematicamente, e ao longo das várias respostas, foram sendo abordados pelos jovens participantes ao longo da entrevista.

Numa primeira fase, foi elaborada uma pré-análise, que consistiu numa leitura flutuante da transcrição das entrevistas realizadas aos participantes, de modo a avaliar a quantidade e tipo de conteúdos obtidos com a entrevista, para que emirjam impressões e orientações sobre os mesmos.

Na segunda fase, de exploração do material, procedeu-se à codificação, em que a informação bruta do texto foi codificada. Para tal, foram utilizados procedimentos tais como o recorte, a agregação, e a enumeração, de forma a alcançar uma representação exata do seu conteúdo. A cada participante foi atribuído a letra S (sujeito) e um número (de 001 a 007). Como unidade de contexto, considerou-se as respostas dos sujeitos às questões colocadas ao longo da entrevista, e como unidade de análise, foi considerada a ideia, sendo que tanto à unidade de contexto como à unidade de análise foi atribuído um número. Assim, por exemplo, a resposta *“Basicamente o 1º desafio que me vou deparar quando acabar o curso é o mercado de trabalho. A área de direito não é propriamente fácil uma vez que tenho de efetuar um estágio na ordem dos advogados, e será difícil, terei de arranjar um escritório para estagiar...”* (S002_007_018) corresponde à resposta dada pelo sujeito dois na resposta sete na sua 18ª ideia de resposta.

A regra de enumeração utilizada no caso desta análise de conteúdo foi a regra de frequência, de acordo com a qual *“a importância de uma unidade de registo aumenta com a frequência de aparição”* (Bardin, 2013, p.134).

Foi ainda realizada uma análise temática, de forma a alcançar núcleos de sentido, em que, para cada unidade de contexto (resposta às questões) foram recortadas as várias unidades de análise (ideias), sendo posteriormente agrupadas em categorias de análise temáticas, ou seja, em *“núcleos de registo”*. Como resultado desta análise, emergiram categorias de significado que possibilitaram a agregação e classificação das unidades de análise. Foram identificadas 136 unidades de contexto correspondente a 162 unidades de análise, emergindo um total de 31 unidades de significado.

A categorização tem como objetivo fornecer uma representação simplificada dos dados em bruto. Assim, a categorização consistiu na desintegração dos tópicos de cada documento em unidades de análises isoladas (as ideias), e sua consequente reorganização e reagrupamento, de acordo com um título genérico/categoria que integra um conjunto de

características comuns desses elementos. O critério de categorização utilizado foi um critério semântico, em que todas as ideias associadas a um dado foram agrupadas numa mesma categoria de sentido. O sistema de categorias não foi previamente fornecido, pois trata-se de um estudo exploratório, tendo resultado da classificação analógica e progressiva dos elementos (procedimento conhecido como “acervo”), e o título conceptual de cada categoria foi somente definido no final da operação (Bardin, 2013, p.147). As categorias selecionadas tiveram em consideração os seguintes critérios: exclusão mútua, pertinência, homogeneidade, objetividade e fidelidade, e produtividade.

A realização das análises de conteúdo foi feita manualmente. De seguida, são apresentadas as categorias construídas para cada questão, juntamente com as subcategorias, núcleos de sentido e a frequência de resposta em cada uma dessas categorias.

Resultados

As tabelas 1, 2 e 3 apresentam um total de 15 categorias e respetivas subcategorias identificadas nas 162 unidades de análise, os respetivos núcleos de sentido e a frequência total de cada categoria.

Na tabela 1, referente aos fatores mencionados pelos jovens acerca dos percursos de carreira, a categoria mais referida (n=12) diz respeito ao papel dos estudos, mais concretamente na relação com o curso/estágio, onde referem nos seus discursos sentimentos, expectativas e indecisões em relação ao mesmo.

No que se refere à segunda tabela, ou seja aos fatores mencionados pelos jovens na experiência de acolhimento, o discurso dos jovens baseou-se sobretudo nas categorias relacionadas com os sentimentos experienciados pelo sujeito tanto à entrada como no decorrer da sua vivência em acolhimento residencial (n=7), com as aprendizagens/percepções do sujeito acerca da sua vivência em acolhimento (n=5) e com as memórias no acolhimento relacionadas com as interações familiares (n=7).

Por último, na tabela 3, referente aos fatores mencionados no processo de autonomização, destaca-se a subcategoria competências de adaptabilidade (n=15), que consiste na capacidade do jovem a gerar alternativas perante adversidades e/ou abdicar de determinados aspetos em prol dos seus objetivos.

Tabela 1. Categorias, subcategorias e respectivos núcleos de sentido nos fatores mencionados acerca dos percursos de carreira

FATORES MENCIONADOS ACERCA DOS PERCURSOS DE CARREIRA				
Categorias	Subcategorias	Descrição/Núcleo de Sentido	Freq.	Exemplos
Alternativas de escolha de carreira	Refere-se à diversidade/escassez de alternativas/opções apresentadas. Considera-se também a ideia do sujeito ter certezas/confusão, a nível das alternativas de carreira.		5	“quando fiz os testes vocacionais nunca ninguém me pôs a hipótese de ir para o regular, nem eu pus essa hipótese, era muito nova” (S006_005_006) “já quis ser assim muitas coisas” (S004_001_001)
Autonomia nas decisões escolares	Refere-se à ideia do sujeito ter autonomia nas decisões escolares, de escolher a opção que mais se ajusta aos aspetos que o próprio considera como pertinentes. Considera-se também a falta de agência, i.e., o sujeito ser influenciado pelos outros, de não ser uma decisão sua, ou as decisões serem tomadas por razões de perspetiva temporal.		6	“eu optei por essa escola pelas boas recomendações que ouvia dos professores que lecionavam” (S002_002_004) “eu este curso não fui bem eu que escolhi... quando eu fiquei sem escola é que tive que escolher um curso assim à pressa” (S007_001_001)
Motivos de escolha da área/course atual	Refere-se à razão/motivação do sujeito para a escolha da área/course atual. Engloba também a ideia de perspetiva temporal como motivo de tomada de decisão.		5	“humanidades é onde eu me revejo porque principalmente gosto muito de português e historia e mesmo as próprias línguas e uma vez que eu tinha a ideia de ir para direito, foi uma escolha simples” (S002_002_003) “melhor assim para não estar a empancar outra vez no mesmo sítio” (S005_005_005)
Papel dos estudos	Refere-se ao papel dos estudos para os percursos de carreira dos jovens, incluindo aspetos como o rendimento escolar, aspirações escolares, a sua relação com o curso atual/estágio em que se encontra e a forma como se relaciona com a escola			
	Rendimento escolar	Refere-se a aspetos relacionados com o rendimento escolar, tais como a variação das notas, médias, etc.	4	“para já a média que tenho é me favorável” (S002_002_006) “a ansiedade de sair do colégio tem-me prejudicado um bocado no estudo e pronto, considero-me uma aluna razoável que vai passando” (S003_001_001)
	Aspirações escolares	Refere-se ao desejo do sujeito em continuar os estudos, seja a nível universitário, ou fazer um outro curso profissional numa área diferente.	9	eu queria tirar mecânica de automóveis depois” (S005_002_002) “eu queria ver se conseguia entrar para a universidade, em enfermagem, queria continuar a seguir a área agora que comecei, queria aprofundar mais” (S006_001_002)
	Relação com o curso/estágio	Refere-se a sentimentos, expectativas e indecisões em relação ao estágio/course.	12	“acho que o curso que é perfeito para mim, tem desenho e eu adoro” (S003_003_003) “eu no início estava a gostar da parte teórica e do curso porque é interessante mas depois comecei o estagio e percebi que não me identifico” (S006_001_001)
	Relação com a escola	Refere-se aos sentimentos de interesse e/ou importância dada à escola.	6	“às vezes me dá aquela vontade de deixar tudo, até porque a turma não ajuda nada” (S005_009_009)

				“não acho que a escola seja importante, mas sei que é obrigatório fazer” (S005_025_025)
Pessoas significativas nos percursos	Refere-se às pessoas particularmente importantes ou significativas na vida do jovem, pelas funções ou papéis que desempenham.		7	“quando é a minha irmã a falar comigo, não sei porquê mas há alguma coisa que me toca” (S001_012_014) “o meu melhor amigo (...) ele é tipo a minha alma gémea, ele dá conselhos, é compreensivo, é extrovertido, gosto bué dele, é assim uma pessoa que me inspira mesmo” (S005_018_018)
Valores de vida	Diz respeito aos valores que os jovens considera importantes seguir como lema de vida.			
	Focados no prazer	Refere-se a características hedonistas como aproveitar a vida ou obtenção de prazer imediato.	2	“eu acho que se deve fazer sempre o que se gosta” (S002_001_002)
	Focados no esforço pessoal	Refere-se a características que incluem esforço e trabalho e/ou entrega pessoal como lema de vida.	5	“é importante todos nós lutarmos por aquilo que queremos e fazer valer o nosso esforço” (S004_018_021)
	Focados em atitudes	Refere-se a atitudes a adotar na vida tais como genuinidade e liberdade.	2	“seguir o que elas acham que está certo e não pensar nas críticas que as outras pessoas dizem” (S006_022_026)

Tabela 2. Categorias, subcategorias e respectivos núcleos de sentido nos fatores mencionados na experiência de acolhimento

FATORES MENCIONADOS NA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO				
Categorias	Subcategorias	Descrição/Núcleo de Sentido	Freq	Exemplos
Sentimentos	Refere-se aos sentimentos experienciados pelo sujeito tanto à entrada como no decorrer da sua vivência em acolhimento residencial		7	“eu quando cheguei não falava com ninguém nem nada, sentia-me sozinha” (S006_007_008) “a vida lá for não é fácil, pq na instituição tens quem te proteja e lá fora não tens” (S002_011_023) “aqui sinto-me muito presa e farta de estar aqui” (S003_017_019)
Pensamentos	Refere-se aos pensamentos do sujeito durante a sua vivência em acolhimento residencial		2	“tu pensas que vais encontrar algo pior que o que esperas.” (S002_003_007) “da 1ª vez com 14 anos vieram me umas certas ideias... que não me vão dar de comer, bater, tratar mal... que me iam privar do que tinha” (S002_004_009)
Aprendizagens	Refere-se às aprendizagens/perceções do sujeito acerca da sua vivência em acolhimento.		5	“eu acho que o facto de eu ter vindo para a instituição ainda fez com que os meus horizontes e objetivos fossem mais claros” (S002_008_019) “se estivesse onde estava antes não tinha isto tudo nem estava a estudar, aqui dão-nos a oportunidade de mudar a nossa vida” (S004_009_011)
Memórias no acolhimento	Refere-se a memórias relacionadas com episódios significativos da vivência em acolhimento.			
	Chegada à instituição	Refere-se a memórias que retratem os primeiros dias em acolhimento residencial.	2	“o que mais me marcou foi o dia que entrei para cá” (S002_003_009) “o dia que cheguei é o que mais me lembro e o que mais me marcou” (S007_004_005)
	Interações com familiares	Refere-se às visitas e/ou acontecimentos de vida de familiares.	4	“e quando os meus dois irmãos novos foram adotados, acho que esse foi o momento mais marcante” (S006_006_007)
	Sucessos académicos	Refere-se ao alcance de objetivos a nível escolar.	1	“o momento assim mais marcante foi quando soube que tinha entrado para a universidade” (S004_005_006)

Tabela 3. Categorias, subcategorias e respectivos núcleos de sentido nos fatores mencionados no processo de autonomizaç

FATORES MENCIONADOS NO PROCESSO DE AUTONOMIZAÇÃO				
Categorias	Subcategorias	Descrição/Núcleo de Sentido	Freq	Exemplos
Sentimentos		Refere-se aos sentimentos experienciados pelo sujeito acerca da sua saída do acolhimento residencial.	6	quando sair do Lar quero ir lá para baixo e não fazer as coisas que fazia antes. S001_016_018 “sinto que ainda não estou preparada, sinto que ainda me falta alguma coisa” (S006_009_010)
Pensamentos		Refere-se aos pensamentos do sujeito acerca da sua saída do acolhimento residencial. Incluindo o desejo e motivos relacionados com a sua saída.	8	“penso em sair daqui todos os dias praticamente” (S001_015_017) “eu quero sair daqui porque sei que lá fora tenho assim um pouco mais de liberdade... não tenho assim total liberdade também mas as regras em casa não são tão restritas” (S003_007_009)
Planeamento da saída do Acolhimento		Diz respeito à perspectiva temporal, e às expectativas de futuro. Expressa a ideia de construção do futuro.		
	Momento	Refere-se ao planeamento do momento da saída do acolhimento.	2	“quero sair quando acabar o curso... são 3 anos vou ter 22 anos na altura, supostamente posso ficar mas tenho que pedir ao tribunal” (S004_010_013) “principalmente eu gostava de ir embora quando acabar o curso, principalmente é esta a ideia” (S007_006_007)
	Aspirações	Refere-se às aspirações definidas pelo sujeito quando sair do acolhimento.	8	“vou procurar logo assim um emprego porque quando acabar o curso quero logo entrar para a ordem para ficar já tudo seguido mas também tenho que dividir casa com alguém para poder dividir despesas, talvez tenha que arranjar um trabalho à noite” (S004_011_014) “que quero continuar a estudar e agora vou ver se quando for para casa no verão consigo arranjar um part-time, para ver se consigo juntar mais dinheiro para conseguir entrar para a universidade e para ajudar a minha mãe” (S006_013_014)
Dificuldades percebidas		Refere-se às dificuldades/barreiras que o jovem espera encontrar quando sair do acolhimento.		
	Dificuldades interpessoais	Refere-se às dificuldades/barreiras interpessoais que o jovem espera encontrar quando sair do acolhimento.	1	“conviver com pessoas e falar com pessoas que eu já conhecia” (S001_019_021)

	Dificuldades em tarefas autónomas	Refere-se às dificuldades/barreiras em realizar tarefas de forma autónoma que o jovem espera encontrar quando sair do acolhimento.		3	“tenho que ser eu a alugar a minha casa, ser eu a arranjar as minhas coisas... não é como chegar aqui e ter tudo pronto, e eu não estou habituada a esse tipo de vida” (S004_014_017) “quando chegar lá fora acho que a minha mãe não vai andar tão em cima de mim como estão aqui então tenho medo de me perder” (S006_010_011)
	Dificuldades de estágio/emprego	Refere-se às dificuldades/barreiras em encontrar estágio/emprego que o jovem espera encontrar quando sair do acolhimento.		4	“o 1º desafio que me vou deparar quando acabar o curso é o mercado de trabalho, (...) tenho de efetuar um estágio na ordem dos advogados, e será difícil, terei de arranjar um escritório para estagiar” (S002_007_017) “é difícil encontrar trabalho” (S005_019_019)
Recursos	Incluí a referência a meios de auxílio no processo de autonomização.				
	Figuras de suporte social	Refere-se à importância de várias figuras que oferecem suporte social, apoiando emocional, informacional e/ou instrumentalmente o jovem no seu processo de autonomização.			
		Família	Refere-se à perceção que os jovens têm do apoio que os amigos lhes poderiam fornecer no processo de autonomização	9	“a minha irmã e o meu pai poderiam ajudar-me” (S001_025_027) “eu confiava no meu irmão e na minha tia e avó para ajudar, ela já disse que eu podia ir para casa dela” (S003_010_012)
		Amigos	Refere-se à perceção que os jovens têm do apoio que os amigos lhes poderiam fornecer no processo de autonomização.	3	“acho que se necessitasse de alguma coisa também teria amigos que me ajudassem... tenho amigos mais velhos” (S005_023_023) “estou a contar com a ajuda da minha melhor amiga que ela está na minha turma e ela é aplicada” (S006_011_012)
		Técnicos/cuidadores	Refere-se à perceção que os jovens têm do apoio que os amigos lhes poderiam fornecer no processo de autonomização.	4	“aqui tens sempre gente disponível para te ajudar em várias áreas” (S002_004_011) “as doutoras incentivam a ter uma vida melhor” (S004_013_016)

	Ausência de percepção de figuras de suporte social	Refere-se à ausência da percepção de figuras de suporte social por parte do jovem no seu processo de autonomização.	6	“eu quero sair e se pudesse já tinha saído mas não tenho para onde ir” (S004_009_012) “só posso contar comigo própria” (S005_015_015)
	Apoios estatais	Refere-se à percepção/conhecimento de apoios estatais por parte do jovem no seu processo de autonomização.	2	“acho que os apoios estatais e o meu pai seria à partida a forma onde primeiro iria recorrer” (S002_009_021)
	Meios	Refere-se aos meios utilizados pelo jovem para o processo de autonomização. Recursos que orientem as suas ações e dê soluções às dificuldades percecionadas. Inclui a ideia de centro de emprego, internet, páginas amarelas e entrega de currículos.	8	“ia ao centro procurar (silêncio), ia procurar no jornal” (S001_024_026) “nas páginas amarelas e no café também vejo os anúncios de emprego, às vezes” (S001_023_025) “já enviei currículos, já me inscrevi na net em novos anúncios” (S004_016_019)
	Competências de adaptabilidade	Refere-se à capacidade do jovem a gerar alternativas perante adversidades e/ou abdicar de determinados aspetos em prol dos seus objetivos.	15	“se não tiver média fico a trabalhar, arranjo um emprego e preparo-me para entrar no ano seguinte” (S003_004_005) “não tenho qualquer problema em ir trabalhar para outro tipo de profissão que não aquela que eu gostaria de trabalhar” (S002_010_022)

Discussão e conclusão

Este estudo teve como objetivo analisar a percepção dos jovens acerca dos seus percursos de carreira e vivência do processo de autonomização, partindo dos discursos dos próprios jovens.

Podemos evidenciar nestes discursos categorias de respostas comuns e mais salientes tanto em relação aos fatores mencionados acerca dos percursos de carreira, como aos fatores mencionados na experiência de acolhimento ou aos fatores mencionados no processo de autonomização

Em relação aos primeiros, as categorias alternativas de escolha de carreira e autonomia nas decisões escolares, apareceram em muitos dos relatos associadas a confusão, falta de agência na tomada de decisão a nível escolar e também falta de alternativas apresentadas pelo acolhimento, pelo que parece que o acolhimento destes jovens pode não estar de encontro com o Manual de Boas Práticas do Instituto de Segurança Social proposto por Leandro et al. (2006), que considera fundamental que os jovens em acolhimento possam decidir e fazer escolhas de forma a promover o bem-estar emocional, autonomia e autodeterminação.

Relativamente às motivações do sujeito para a escolha da área/curso, as respostas foram diversas, sendo que os jovens referiram motivos tais como a percepção de facilidade do curso, a identificação pessoal, e a questão da perspetiva temporal, ou seja para não continuarem a reprovar ou atrasar nenhum ano. Sendo alguns destes motivos originados pela identidade do indivíduo e, sabendo segundo Taveira (2000) que a personalidade constitui a influência principal da escolha e do desenvolvimento vocacional, a autora apela à orientação educativa de forma a reunir recursos eficazes como meio de preparação à construção e ao desenvolvimento das escolhas vocacionais e dos projetos de vida dos jovens.

Quanto ao papel dos estudos antecipava-se, segundo a revisão de literatura e os estudos de Santos (2010), trajetórias de carreira menos positivas, marcadas por constrangimentos motivacionais, onde predominam o desinteresse e o absentismo escolar. No entanto, o papel dos estudos foi uma das categorias mais mencionadas pelos jovens, sendo com frequência referidos aspetos como o rendimento escolar, aspirações escolares, a sua relação com o curso atual/estágio em que se encontra e a forma como se relaciona com a escola, mostrando uma valorização da escola na construção dos projetos de vida., apoiando o fato do apoio educativo poder ser um ponto de resiliência para estes jovens, sendo importante as instituições de acolhimento investirem no apoio aos estudos, proporcionando um ambiente seguro e com recursos que estes não teriam no seio familiar.

Os jovens, quando questionados acerca dos seus percursos de carreira, referiram-se a pessoas significativas, como a família, amigos e alguns cuidadores, que eram particularmente importantes nas suas vidas tanto pelas funções como papéis que desempenham. Gonçalves (2013) enfatiza no seu estudo a importância de pessoas significativas que sirvam de modelos para estes jovens, considerando que a falta destas se pode refletir na pouca estimulação na construção de objetivos de vida.

Sabendo que os valores de vida poderão ter alguma influência na construção de objetivos de vida na adolescência (Gonçalves, 2013), é interessante reparar nos valores de vida mais relatados pelos entrevistados, focados no esforço e/ou entrega pessoal como lema de vida, e que também podem atuar como fatores protetores na construção de um projeto de vida.

Nos fatores mencionados acerca da experiência de acolhimento, os sentimentos experienciados pelo sujeito tanto à entrada como no decorrer da sua vivência em acolhimento residencial, foi uma das categorias mais relatadas, em que estes variavam de sujeito para sujeito, surgindo sentimentos de medo, de proteção, tristeza, solidão, injustiça, apoio, aprisionamento entre outros. Estes sentimentos são coincidentes com os referidos, há dez anos, no estudo dos Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude (ISS, 2005). Um jovem relatou ainda pensamentos que tinha antes da entrada em acolhimento, que o próprio veio a considerar como errados, que advinham dos mitos existentes acerca do acolhimento *“são ideias erradas que tens, formadas pelos média, opinião pública e assim”*.

Vários jovens salientaram continuamente as aprendizagens feitas e a perceção que tinham acerca da sua própria vivência em acolhimento. E, todos os entrevistados consideraram o acolhimento como um local de novas oportunidades, o que comprova os resultados de Rodrigues (2016), que demonstrou o lado positivo do acolhimento residencial, afirmando que este contexto é considerado pelos jovens como uma oportunidade de vida. Além das novas oportunidades, os jovens consideraram ainda como pontos positivos da vivência em acolhimento as regras, as atividades pedagógicas em tempos livres, a abertura de horizontes e clarificação de objetivos.

Quando os jovens eram questionados acerca de episódios significativos da vivência em acolhimento, eles relatavam sobretudo memórias referentes a interações familiares, como visitas ou acontecimentos de vida de familiares, o que vai de acordo com a revisão de literatura que considera que os jovens continuam quase sempre ligados à família ao mesmo tempo que vão criando novas relações no acolhimento (Siqueira & Dell’Aglia, 2006).

Nos fatores mencionados acerca do processo de autonomização, os jovens relataram sentimentos que tinham acerca da saída do acolhimento, tais como a pressão que sentiam relativamente a com quem ficar quando saírem, o medo de “voltarem à vida antiga”, o medo de não conseguirem estabelecer rotinas de estudo quando voltarem para casa, não se sentirem preparados para saírem do acolhimento e sentimentos de saudade dos colegas e cuidadores no acolhimento. O que reflete a forte ligação com a instituição e a percepção de falta de competências para se adaptarem à vida fora da instituição.

Relativamente aos pensamentos dos jovens acerca da saída do acolhimento, todos os entrevistados demonstraram um forte desejo em sair do acolhimento para irem para perto da família, apoiando mais uma vez as ideias de Siqueira e Dell’Aglia (2006) que afirmam que os jovens em acolhimento continuam sempre ligados à família. No entanto, apesar de se considerar esta ligação dos jovens à família como algo benéfico, é importante acompanhar e monitorizar esta fase de autonomização, de forma a garantir as condições necessárias ao jovem para estabelecer relações saudáveis com a família de origem, não se deixando afetar por ambientes menos estruturados ou disfuncionais. Neste processo é fundamental equipar o jovem com ferramentas de autonomização e autossuficiência, podendo passar pelo ensino de competências de gestão financeira e doméstica, como por exemplo ajudar os jovens na procura de emprego, educação básica, experiência de trabalho e a melhorar as competências profissionais. (Silva, Araújo & Taveira, 2011; Silva, Coelho & Taveira, 2017; Gonçalves, 2013).

No que diz respeito ao planeamento da saída do acolhimento, este incluiu a perspetiva temporal e as expectativas de futuro, assim os relatos dos jovens foram agrupados em duas subcategorias, uma referente ao planeamento do momento da saída do acolhimento, em que os jovens demonstravam a preocupação em sair do acolhimento apenas quando terminassem os seus estudos atuais e a segunda subcategoria era referente às aspirações definidas pelo sujeito quando sair do acolhimento, essas aspirações eram principalmente focadas na carreira, como entrar na universidade, arranjar emprego, ir trabalhar para fora do país e tirar um novo curso, o que não coincide com as expectativas e ambições relatadas por Courtney et al. (2001) e Forsman e Vinnerljung (2012), que afirmam que estas se centram sobretudo em ter uma casa, constituir família e conseguirem uma vida sustentável.

A nível das dificuldades percecionadas pelos jovens quando saírem do acolhimento, estes esperam sobretudo encontrar dificuldades na realização de tarefas de forma autónoma, tais como alugar uma casa sozinho, criar rotinas de estudo e não conseguirem acabar os estudos, e dificuldades em não conseguirem encontrar um estágio/emprego, no entanto os

jovens afirmaram que esta segunda dificuldade não se deve à condição específica de pós-institucionalização, mas sim que a um problema geral da população portuguesa. Como solução a estas dificuldades, como já referido anteriormente, os estudos de Silva, Araújo e Taveira (2011) e Gonçalves (2013), mencionaram a necessidade do envolvimento dos jovens em funções típicas da vida adulta, como a gestão financeira e doméstica, ajudá-los na procura de emprego, educação básica, experiência de trabalho e a melhorar as competências profissionais.

Por fim, a última categoria definida diz respeito aos recursos utilizados pelos jovens como meios de auxílio no processo de autonomização. Estes mencionaram como um dos recursos principais as figuras de suporte social, tal como a família, amigos e técnicos/cuidadores, sendo que alguns referiram não terem suporte social. A importância deste suporte social como recurso ao processo de autonomização é essencial quando observamos a institucionalização por uma perspetiva da psicologia positiva, uma vez que oferece um efeito protetivo, que está relacionado com o desenvolvimento da capacidade de enfrentar adversidades, promovendo características de resiliência e desenvolvimento adaptativo (Garmerzy et al., 1984).

Outro recurso percecionado pelos jovens na transição para a vida autónoma diz respeito aos apoios estatais, sendo que uns jovens se mostraram mais informados que outros. Neste caso, o papel desse transmissor de informação respeita essencialmente a instituição, em que as casas de acolhimento devem estar preparadas no esclarecimento aos jovens, sublinhando desta forma as ideias de Ribeiro (2008) que apela à formação especializada dos técnicos que trabalham diretamente com esta população.

Os jovens mencionaram outros meios que os poderiam ajudar a ultrapassar as dificuldades percecionadas de obtenção de estágio/emprego, mostrando terem conhecimento de alguns centros de emprego, páginas de internet, páginas amarelas e entrega de currículos. No entanto, mais uma vez, nenhuma dessas informações tinha sido fornecida pela casa de acolhimento em que residiam, tendo eles próprios sido autodidatas na busca dessa informação, sublinhando mais uma vez a importância dos estudos de Silva, Araújo e Taveira (2011) que visam ajudar os jovens na procura de emprego, educação básica, experiência de trabalho e a melhorar as competências profissionais e as ideias de Ribeiro (2008) que referem a importância de formação especializada dos técnicos que trabalham com estes jovens.

Ainda referente à categoria dos recursos utilizados no processo de autonomização, a subcategoria mais mencionada diz respeito às competências de adaptabilidade demonstradas pelos jovens entrevistados. Esta subcategoria está relacionada com a teoria da resiliência

abordada nos estudos de Fergus e Zimmerman (2005), em que os jovens mostraram capacidades em gerar alternativas perante adversidades e/ou abdicar de determinados aspetos em prol dos seus objetivos. Esta capacidade adaptativa é uma das competências de carreira mais referidas para garantir a adaptabilidade e sucesso nas sociedades atuais, estando positivamente correlacionada com a eficácia na procura de emprego (Guan et al., 2013; Gamboa et al., 2014), sendo portanto um bom preditor do sucesso da autonomização destes jovens.

Apesar dos ganhos obtidos com este estudo, é importante refletir sobre algumas limitações, tais como a falta de adesão por parte das casas de acolhimento, o que contribuiu para um número reduzido de participantes e para a falta de participantes rapazes e a escassa literatura de estudos realizados em Portugal com resultados da implementação de programas estruturados de promoção de competências de autonomia, com evidência empírica.

Desta forma, seria importante em estudos futuros desenvolver estratégias de cooperação que estimulassem uma maior participação das casas de acolhimento e um maior equilíbrio de sujeitos no que respeita ao sexo, e também conseguir chegar a casas de acolhimento de outras zonas geográficas, de forma a conseguirmos resultados representativos da população em estudo. Seria também interessante fazer-se um contraste entre outras variáveis, no que se refere às diferenças individuais dos jovens, como a instituição em que se encontra, tempo de institucionalização e etnia, de modo a compreender se os discursos dos jovens variam de acordo com as mesmas.

Este estudo poderá servir de base teórica para uma melhoria a nível da intervenção da carreira, sendo um reflexo da voz dos próprios jovens acerca das suas próprias experiências a nível dos percursos de carreira e processo de autonomização, refletindo as suas necessidades nesses dois âmbitos. A importância deste tipo de intervenção prende-se à estimulação da exploração do mundo do trabalho, do self, e do desempenho de papéis de vida, com o objetivo de criar condições favoráveis para uma tomada de decisão vocacional realista (Silva, Coelho, & Taveira, 2017). A eficácia deste tipo de intervenção está comprovada, tanto no âmbito da consulta psicológica vocacional, em que existem estudos que comprovam a produção de efeitos positivos da mesma (Taveira, Cunha & Faria, 2009), como no âmbito da implementação de programas de intervenção vocacional com resultados de eficácia comprovados ao nível exploração, do aumento da informação profissional e diminuição das dificuldades no que toca à tomada de decisão (Silva, Coelho, & Taveira, 2017).

Com este estudo pretendemos ainda reforçar a necessidade de promover programas estruturados de promoção de autonomia para estas populações vulneráveis, para que estejam

preparados para a vida fora da instituição. Pois, em detrimento dos resultados conseguidos, constatou-se que as casas de acolhimento deixam de ser vistas como um risco e passam a ser consideradas como uma oportunidade de vida em que, se as condições para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais com vista à promoção da autonomia dos jovens forem garantidas, os resultados do acolhimento mostram-se positivos, no entanto, para a manutenção destes resultados é preciso intervir e acompanhar esta importante transição e vida dos jovens.

Referências Bibliográficas

- Andrade, S., Santos, P., Costa, A., & Souza, D. (2014). Bem-estar emocional e implicações: estudo com crianças em acolhimento institucional. *Indagatio Didactica*, 6(3), 157-174.
- Bardin, L. (2013). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Carneiro, R. (2005). *Casa Pia de Lisboa – Um projeto de Esperança*. Cascais: Principia.
- Courtney, M., Piliavin, I., Grogan-Kaylor, A., & Nesmith, A. (2001). Foster youth transitions to adulthood: A longitudinal view of youth leaving care. *Child Welfare League of America*, 80(6), 685-717. Acedido em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1181765>
- Decreto Lei nº 142/2015 (2015). *Proteção de Crianças e Jovens em Perigo*. *Diário da República I Série A*. Nº 175 (15-09-08), 7198-7232.
- Fergus, S., & Zimmerman, M. (2005). Adolescent resilience: A Framework for Understanding Healthy Development in the Face of Risk. *Annual Review of Public Health*, 26, 399-419. doi:10.1146/annurev.publhealth.26.021304.144357
- Forsman, H., & Vinnerljung, B. (2012). Interventions aiming to improve school achievements of children in out-of-home care: A scoping review. *Children and Youth Services Review*, 34(6), 1084-109. doi:10.1016/j.childyouth.2012.01.037
- Gamboa, V., Paixão, O., & Palma, A. I. (2014). Adaptabilidade de carreira e autoeficácia na transição para o trabalho: O papel da empregabilidade percebida – estudo com estudantes do ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 48(2), 133-156. doi:10.14195/1647-8614_48-2_7
- Garnezy, N., Masten, A. S., & Tellegen, A. (1984). The study of stress and competence in children: A building block for developmental psychopathology. *Child Development*, 55(1), 97-111. doi:10.2307/1129837
- Gonçalves, S (2013). *Jovens Institucionalizados: objetivos e valores de vida* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga). Acedido em <http://hdl.handle.net/1822/30715>

- Guan, Y., Deng, H., Sun, J., Wang, Y., Cai, Z., Ye, L., ... Li, Y. (2013). Career adaptability, job search self-efficacy and outcomes: A three-wave investigation among Chinese university graduates. *Journal of Vocational Behavior*, 83(3), 561–570.
doi:10.1016/j.jvb.2013.09.003
- ISS (2005). *Percursos de vida dos jovens após a saída de Lares de Infância e Juventude*. Lisboa: ISS.
- ISS (2016). *CASA 2015 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: ISS.
- Leandro, A., Alvarez, D. L., Cordeiro, M., & Carvalho, R. (2006). *Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens*. ISS: Lisboa.
- Munson, W. (1994). Description and Field Test of a Career Development Course for Male Youth Offenders with Disabilities. *Journal of Career Development*, 20(3), 205-218.
doi:10.1177/089484539402000303
- Ribeiro, A. (2008). *Projeto de promoção de autonomia de crianças e jovens em acolhimento residencial* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa). Acedido em <http://hdl.handle.net/10071/1627>
- Rodrigues, S. (2016). *A transição para a vida ativa dos jovens institucionalizados em Casas de Acolhimento – Percursos de inserção* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa). Acedido em <http://hdl.handle.net/10400.5/12798>
- Santos, A. (2010). *Insucesso escolar de crianças e jovens institucionalizadas* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa). Acedido em <http://hdl.handle.net/10400.5/2997>
- Santos, M. F., & Bastos, A. C. S. (2002). Padrões de interação entre adolescentes e educadores num espaço institucional: ressignificando trajetórias de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 45-52.
- Silva, A. D., Araújo, A., Taveira, M. C. (2011). Tailoring career education and counseling for portuguese foster-youth. *INTED2011 Conference Proceedings CD*, Valência, Espanha. ISBN: 978-84-614-7423-3 Acedido em <http://hdl.handle.net/1822/14156>
- Silva, A. D., Coelho, P., & M. C., Taveira (2017). Effectiveness of a career intervention for empowerment of institutionalized youth. *Vulnerable Children and Youth Studies*, 171-181. doi:10.1080/17450128.2017.1282070
- Siqueira, A. C., & Dell’Aglío, D. D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: Uma revisão da literatura. *Psicologia & sociedade*, 18 (1), 71-80.
doi:10.1590/S0102-71822006000100010

- Soares, A. (2015). *Percepção de Barreiras de Carreira em Jovens Institucionalizados: Estudo Comparativo com Jovens que Vivem em Lares e Jovens que Vivem com Famílias de Origem* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga). Acedido em <http://hdl.handle.net/1822/25491>
- Taveira, M. C. (2000). *Exploração e Desenvolvimento Vocacional de Jovens: Estudo sobre as Relações entre a Exploração, a Identidade e a Indecisão Vocacional* (Tese de doutoramento Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga). Acedido em <http://hdl.handle.net/1822/19856>
- Taveira, M.C., Cunha, C. S. B., & Faria, L.C. (2009). Efeito da Intervenção Psicológica Vocacional na Indecisão e Comportamento Exploratório. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (3), 558-57. doi:10.1590/S1414-98932009000300010.
- Wang, M.C., & Gordon, E.W. (1994). *Educational resilience in inner-city America: Challenges and prospects*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.